

A CIDADE ENTRE BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS : UM RESGATE HISTORIOGRÁFICO NOS *DEPOIMENTOS* DE ABELARDO DE SOUZA

Marianna Cardoso
Universidade Federal do Tocantins
mariannagpc@gmail.com

RESUMO

O arquiteto Abelardo de Souza (1908-1981), publicou em 1978 "Arquitetura no Brasil: Depoimentos". A partir da biografia dos arquitetos, pioneiros do Movimento Moderno brasileiro - Lucio Costa, Gregori Warchavichik, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Luis Nunes, Marcelo Roberto, Affonso Reidy e Flávio de Carvalho - o autor desenvolve uma narrativa estruturada em diversos depoimentos desses arquitetos, considerações de terceiros e opiniões do mesmo sobre os biografados. A obra destaca-se como uma produção importante dentro da historiografia da arquitetura e do urbanismo, expondo uma gama de reflexões sobre temas ligados a prática profissional, consolidação da estética modernista no Brasil e ensino de arquitetura e urbanismo no país. Fazendo uma releitura heróica do movimento moderno, Abelardo de Souza traça um panorama histórico sem o rigor acadêmico, ressaltado as bases teóricas do movimento modernista. A narrativa expõe que muito mais do que a adoção de uma nova estética impulsionada pelas novas tecnologias, evidenciando o fato de que o modernismo no Brasil foi adotado como um discurso de uma identidade nacional. Nessa perspectiva, Souza, alinhado com o pensamento de sua geração, reafirma a negação dos valores importados, a condenação do estilo eclético das edificações, construindo um movimento de reafirmação identitária, ufanista e carregado de ideias nacionalistas. Dentro da abordagem plural dessas biografias/depoimentos constatam-se em particular três dimensões de cidade: a cidade imaterial, a cidade real existente, e a cidade arquitetada, Brasília. Nesse sentido o presente artigo tem por objetivo construir um meta-discurso sob o prisma da história da cidade, partindo da análise de discurso. Intenciona-se assim, apresentar uma releitura da obra escrita de Abelardo de Souza, revisitando e dissecando a trama narrativa para fazer emergir a "cidade", nas suas variadas dimensões, e explorar como a mesma é construída nas "histórias" dos arquitetos e representada na historiografia de Souza.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Abelardo de Souza; cidade.

THE CITY BETWEEN BIOGRAPHIES AND MEMORIES: HISTORIOGRAPHICAL ANALYSIS IN ABELARDO DE SOUZATESTIMONIALS

ABSTRACT

*The architect Abelardo de Souza (1908-1981), published in 1978 *Arquitetura no Brasil: Depoimentos (Architecture in Brazil: Testimonials)*. From the biography of the architects, the Brazilian Modern Movement pioneers - Lucio Costa, Gregori Warchavichik, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Luis Nunes, Marcelo Roberto Affonso Reidy and Flávio de Carvalho - the author develops a narrative structured in various testimonies of these architects, considerations of others and opinions of the author himself on biographees. The work stands out as an important production within the historiography of architecture and urbanism, exposing a range of reflections on topics related to professional practice, consolidation of modernist aesthetics in Brazil and on architecture and urbanism of teaching practices in the country. Making a heroic reading of the modern movement, Abelardo de Souza shows a historical overview without academic rigor, emphasized the theoretical bases of the modernist movement. The narrative states that much more than the adoption of a new aesthetic driven by new technologies, modernism in Brazil was adopted as a discourse of national identity. In this perspective, Souza, aligned with the thought of his generation, reaffirms the denial of imported values, the condemnation of the eclectic style of the buildings, setting a movement of identity reaffirmation and full of nationalist ideas. Within the plural approach these biographies / testimonials can be seen in particular three city dimensions: the immaterial city, the existing real city, and architected city, Brasília. In this sense, this article aims to present a meta-discourse from the perspective of the history of the city, departing from the discourse analysis. Intends to thus display a rereading of the written work of Abelardo de Souza, revisiting and dissecting the narrative plot to bring out the "city", in its various dimensions, and explore how it is presented in the "stories" of architects and represented in historiography de Souza.*

KEY-WORDS: *Historiography of architecture. Abelardo de Souza. City.*

O LUGAR DOS *DEPOIMENTOS* NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA E URBANISMO

Motivada tanto pela crítica ao movimento moderno, e seus escritos ainda nos anos 70/80, e somada às novas abordagens da disciplina história após os anos 90, a citar a popularização dos métodos da história cultural, a historiografia da arquitetura e do urbanismo se consolida hoje como objeto de estudo e reflexão atual.

Nesse sentido o livro *“Arquitetura no Brasil: Depoimentos”* do arquiteto Abelardo de Souza, publicado em 1978, se insere como um importante objeto de análise historiográfica na temática da arquitetura e do urbanismo no Brasil. O livro, centrado da biografia de oito arquitetos - Lucio Costa, Gregori Warchavichik, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Luis Nunes, Marcelo Roberto, Affonso Reidy e Flávio de Carvalho - investiga temas centrais das discussões desses profissionais na década de setenta, e resgata também as preocupações de épocas anteriores.

Cabe salientar que até no momento da publicação dos *Depoimentos*, no Brasil havia uma escassa produção bibliográfica dentro da temática da arquitetura moderna. Com exceção das obras dedicadas ao trabalho de um arquiteto em específico e das revistas especializadas, livros que expunham um panorama da arquitetura nacional eram mais raros.

Destaca-se no conjunto destes livros disponíveis, de forma resumida, a primeira grande narrativa de arquitetura que engloba a produção moderna: a publicação realizada pelo MoMA/NY, em 1943, intitulada *Brazil Builds* concebida por Philip Goodwin. Resultado de uma exposição do mesmo museu, a obra inaugura a produção historiográfica para a arquitetura brasileira, vinculando a arquitetura tradicional com as realizações dos arquitetos modernos.

Após a obra de Goodwin, são publicadas nos anos 50 *“Arquitetura Brasileira de Lucio Costa”* (1952) e *“Modern architecture in Brazil”* de Henrique Mindlin (1956). Costa retoma a arquitetura do passado, centrando sua análise algumas obras do movimento moderno (algumas as quais ele mesmo realizou como o edifício do Ministério da Educação e Saúde).

O livro *“Arquitetura moderna no Brasil”*, de Henrique Mindlin, editado em 1956, apenas em inglês, francês e alemão, registra a construção brasileira de 1937 a 1955, de forma minuciosa, em formato de catálogo, mostrando detalhes dos projetos e desenhos técnicos, como plantas e cortes. Pela riqueza de detalhes, a obra se transforma na principal referência em história da arquitetura moderna até o momento.

A década de 60 traz duas publicações importantes: *“Duas Arquiteturas no Brasil”* de Benjamin de Carvalho (1961) e *“L’architettura moderna in Brasile”* de Sérgio Bracco (1967). A primeira nos conta uma história por meio de uma comparação da arquitetura eclética com a moderna e a segunda, não traduzida, faz parte da série italiana *Collezione Architettura Contemporanea*, que inclui a produção arquitetônica de vários países. Centrada apenas nas obras da arquitetura moderna brasileira, Bracco descreve a arquitetura moderna brasileira incluindo pela primeira vez o projeto urbanístico da capital Brasília, recém construída.

Dez anos após, o livro *“Arquitetura brasileira”* de Carlos Lemos (1977) e *“Quatro séculos de arquitetura”* de Paulo Santos (1977) retomam a abordagem da arquitetura desde o colonial até o modernismo, contemporâneas a publicação de Abelardo de Souza. Observa-se que o livro de Yves Bruand (1981), *“Arquitetura contemporânea no Brasil”*, adaptação da tese *“L’architecture contemporaine au Brésil”* defendida em Université de Lille em 1973, considerada como o mais exaustivo trabalho na historiografia brasileira¹ (Martins, 1999), é posterior aos *Depoimentos*.

Nesse contexto, o livro de Abelardo de Souza se insere como uma produção importante dentro da historiografia da arquitetura e do urbanismo. À primeira vista, ao ler o título, um desavisado leitor pode acreditar se tratar de uma narrativa centrada na produção arquitetônica.

De fato, o título *“Arquitetura”* e a imagem da Catedral da Pampulha estampada na capa do volume reforçam essa ideia. Contudo, após uma primeira leitura, percebe-se que os temas *“cidade”*, *“urbano”*, *“urbanismo”* está presente constantemente na estrutura narrativa, ora intencionalmente, ora não. Dessa forma, explorar como as questões relativas a cidade, em suas várias dimensões, são trabalhadas pelo autor é o objetivo do presente artigo.

Inicialmente, apresenta-se um breve retrospecto sobre o autor e sua obra escrita, atendo-se a estrutura narrativa proposta por ele. Posteriormente, dissecam-se a narrativa biográfica dos *Depoimentos*, destacando como a *cidade* surge nas *“histórias”* dos arquitetos.

ABELARDO DE SOUZA E SEUS *DEPOIMENTOS*: UMA HISTÓRIA DE VAIDADES?

O arquiteto Abelardo de Souza (1908-1981) formado pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro em 1932, *“pertence à geração que transformou os rumos da moderna arquitetura brasileira”* (CONSTATINO, 2004, p.5). Atuou a partir de 1940 em São Paulo, Souza realizou diversos projetos, alinhados aos ideais modernistas da época. Na capital paulista, segundo Abascal & Pimenta (2009), ele abriu um escritório na Rua Barão de Itapetininga, ocupando sala contígua ao escritório do arquiteto Salvador Roque Augusto Candia.

¹ Uma vez que a obra possui um rigoroso levantamento documental, textos e análises extensas, depoimentos e ampliação do recorte, analisando da produção arquitetônica saindo o eixo Rio de Janeiro-São Paulo incluindo a cidade de Recife.

Apesar de pouco conhecido nacionalmente, quando comparado a outros arquitetos paulistas atuantes no mesmo período, percebe-se que Abelardo de Souza possui uma produção arquitetônica considerável e pouco explorada pela historiografia brasileira².

Sua atuação no cenário da arquitetura paulista o conduz, no final da década de 50, à FAU-USP. Onde, segundo Constantino (2004), em 1957, Souza passou a participar de uma comissão interna designada a propor reformulações no ensino de arquitetura e urbanismo. “Juntamente com Vilanova Artigas, Hélio Duarte e Rino Levi, propuseram com modesta objetividade uma redistribuição das disciplinas ao longo do curso” (CONSTANTINO, 2004, p.233).

Ele permanece naquela universidade até 1978, quando se aposenta e lança o livro “Arquitetura no Brasil: Depoimentos”. “É uma homenagem àqueles cujo trabalho admirava” (CONSTANTINO, 2004, p.233). Essa admiração é materializada na composição de biografias de Lucio Costa, Gregori Warchavchik, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Luiz Nunes, Luiz Nunes, Marcelo Roberto, Afonso Eduardo Reidy, Flavio de Carvalho.

Segundo o autor, sua obra reflete uma “tentativa de reunir dados e depoimentos sobre os precursores e primeiros criadores da Arquitetura Moderna Brasileira” (SOUZA, 1978, p.13).

A obra é estruturada em introdução³ e oito capítulos, cada qual com o nome do arquiteto abordado. A narrativa, de cento e trinta páginas, apresenta três formas discursivas diferentes: o discurso do autor, as falas dos arquitetos retirados de depoimentos de jornais, revistas e conferências e discursos e considerações de terceiros (jornalistas, escritores, outros arquitetos, etc.) sobre a obra dos arquitetos biografados.

Logo no início percebe-se uma narrativa pouco acadêmica, despojada, quase informal - um verdadeiro pastiche de trechos de textos, que Souza chama de *Depoimentos*, com comentários do autor. O próprio Abelardo de Souza revela que o seu trabalho – que qualifica como uma breve história que inaugura o Movimento Moderno Brasileiro - é, no entanto, “um simples relato do que nos ocorre no momento, de fatos passados há mais de quarenta anos, sem nenhuma pretensão de historiador e muito menos de escritor” (SOUZA, 1978, p.15), sublinhando que os fatos vão sendo contados “conforme nossa memória os for despertando” (SOUZA, 1978, p.15).

Assim, Souza inicia as suas pequenas biografias com dados referentes ao nascimento e formação do arquiteto analisado, e depois expõe os *Depoimentos* intercalados com suas próprias análises. Ressalta-se que estes *Depoimentos* não são entrevistas feitas pelo autor com os arquitetos ou com terceiros, e sim fragmentos de textos de fontes diversas, “coladas” seguindo a vontade do autor.

Isto posto, Souza termina cada biografia de forma diferente, às vezes apresentando uma cronologia das obras e fatos importantes da vida de cada biografado, como no caso de Niemeyer, Marcelo Roberto e Reidy, ou com informações sobre a data e circunstância do falecimento. Entre os capítulos aparecem páginas preenchidas com imagens (ao todo cinquenta e cinco fotografias) retratando em sua maioria as “joias” da arquitetura moderna brasileira.

O formato em biografia é justificado no trecho:

[...] Pretendemos também, para conhecimento das novas gerações de arquitetos, traçar uma breve biografia, num primeiro plano, dos verdadeiros pioneiros da ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL. Primeiro, dos que trouxeram para o Brasil os primeiros projetos de arquitetura moderna feita no exterior e depois dos que realmente fizeram a arquitetura moderna brasileira” (SOUZA, 1978, p.14).

Souza (1978) ainda completa que não deseja julgar ou analisar os projetos dos arquitetos, mas que deseja apenas “transmitir seus depoimentos, suas opiniões sobre arquitetura, seus posicionamentos sociais e fatos curiosos de suas vidas” (SOUZA, 1978, p.15).

Sobre esse formato Koering (2007), frisa que o gênero bibliográfico na história da arquitetura merece ser tratado como um objeto de reflexão⁴, questionando entre outras coisas, a natureza dos fatos narrados. Sublinha-se, todavia, que a adoção da biografia como estilo narrativo na história da arquitetura não é nenhuma novidade. Desde as “Vidas” de Vasari⁵ no século XVI, o formato historiográfico centrado na biografia para descrever as obras de artistas e arquitetos, é utilizado não somente para escrever uma história, mas também para legitimar e valorizar a produção do biografado.

Efetivamente os *Depoimentos* de Souza traduzem essa necessidade de valorização, tanto do arquiteto moderno quanto do próprio movimento modernista brasileiro, do qual o próprio autor se filia. Dentre as diversas passagens que evocam o heroísmo desses arquitetos destaca-se: “Esses poucos venceram lutando contra um ambiente hostil, contra preconceitos arraigados durante gerações, contra gerações, contra tudo e contra todos. Mas venceram” (SOUZA, 1978, p.15).

² Nesse sentido destaca-se a dissertação de mestrado “A obra de Abelardo de Souza” de Regina Adorno Constantino de 2004 explora a vasta produção desse arquiteto, apresentando um levantamento com 302 obras registradas, 60 projetos publicados e 9 participações em exposições. Constantino elaborou um inventário com trinta e oito projetos de Souza.

³ Na Introdução o autor expõe entre os objetivos do livro, suas memórias como aluno da ENBA, discussões sobre o ensino de arquitetura e sobre o próprio desenvolvimento do Movimento Moderno no Brasil.

⁴ “*Le biographe fait des raccourcis, met en rapport des événements espacés dans le temps, convaincu du lien de parenté qui unit ces événements au-delà de la distorsion chronologique, Une biographie est une sélection conscient ou inconscient qui permet justifier son propos. Mais comment sélectionner? Est-ce la récurrence qui valide la légitimité de l'élément sélectionné ou est-ce au contraire son caractère isolé? Est-ce lié au contexte?*” (KOERING, 2007, p.107).

⁵ Considerada por muitos a primeira obra de História da Arte e da Arquitetura, as duas edições de *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori*, 1550 e 1568.

A celebração da vitória modernista e a excessiva qualificação dos “personagens” do movimento - “Lucio Costa, o grande arquiteto, o grande urbanista, o homem culto, o homem bom” (SOUZA, 1978, p.48), “Warchavchik, homem batalhador”, (SOUZA, 1978, p.55), “Flávio de Carvalho, o grande artista brasileiro”, (SOUZA, 1978, p.123) entre muitos outros adjetivos – refletem o que Minnaert (2006) chama de uma *história arquitetônica das vaidades*, quanto as narrativas que celebram a excelência e a personalidade, as quais valorizam a novidade, a universalidade e a persistência de modelos.

Conquanto, mesmo apoiado nessa perspectiva, não se pode deslegitimar a obra de Abelardo de Souza, pelo contrário, deve-se encará-la como um objeto de estudo, uma produção historiográfica alinhada com o posicionamento histórico de seu tempo, passível de inúmeras reflexões – como a presente reflexão sobre a *cidade*.

A(S) CIDADE(S) NA TRAMA HISTORIOGRÁFICA DAS BIOGRAFIAS

Evidentemente a *cidade* (as *cidades*), como espaço de experiências e de evocação das memórias (suas imagens e suas representações), cenário das vivências, tanto do autor, quanto dos arquitetos analisados, aparece em toda a narrativa. Relatos de viagens, lembranças de manifestações nos espaços urbanos e recordações do cotidiano passado permeiam todos os *Depoimentos*. No entanto, a reflexão proposta se assenta sobre a cidade entendida como um objeto da produção, de reflexão teórica, da prática profissional.

Pesavento (1995) destaca a distinção feita por Marcel Roncayolo na obra *La ville et ses territoires* no início dos anos noventa, entre os *consumidores* e os *produtores* no espaço urbano. É nesta segunda categorização que a presente discussão se estrutura, sendo os produtores entendidos como:

“Partindo da cidade como representação ou conjunto de representações, Roncayolo identifica que há um sistema de ideias, mais ou menos coerente, daqueles que fazem a cidade, a projetam a discutem e executam. [...] Sem dúvida, estes produtores do espaço concebem uma maneira de construir e/ou transformar a cidade, através de práticas definidas, mas também constroem uma maneira de pensa-la e vivê-la e sonhá-la.” (PESAVENTO, 1995, p.283).

Os arquitetos selecionados por Souza, como produtores do espaço urbano, em consonância com os ideais modernistas do início do século, não somente projetaram edifícios, como também questionaram o modelo de cidade tradicional. A partir dos trechos dos *Depoimentos*, verificou-se que a *história da arquitetura* se funde a *história do urbanismo* nessa historiografia, uma vez que os arquitetos atuam tanto na concepção da edificação, do projeto arquitetônico em si e também são os responsáveis, pelos projetos urbanos, planejamento e paisagem urbana.

Nesse sentido há uma superposição do conceito *cidade*, em dimensões que englobam tanto a prática do arquiteto, os aspectos compositivos, de desenho urbano, quanto questões relativas ao próprio planejamento (crescimento urbano, especulação imobiliária, etc.)

Desse modo, de uma forma geral, mostra-se na historiografia de Abelardo de Souza três dimensões de cidade: a *cidade imaterial*, imaginada, a cidade sem nome, a ideia simbólica de cidade; a *cidade real* existente, representada a partir de exemplos no Rio de Janeiro, São Paulo; e a *cidade arquitetada*, *Brasília*. Essas três dimensões são expostas na ordem em que foram trabalhadas por Souza.

De fato, ainda na Introdução, Abelardo de Souza questiona o espaço urbano do Rio de Janeiro, preenchido pelos edifícios ecléticos e responsabiliza principalmente as práticas de ensino da ENBA, por apenas ensinar modelos “estilizantes”, a cidade aparece como um espaço de recepção dessa arquitetura classificada como anti-arquitetura:

“Quando começaram a aparecer no Rio os primeiros “arranha-céus”, aí então os nossos arquitetos, organizadores de espaços que deveriam ser, deram largas às suas imaginações: resolviam a planta e a fachada como se fosse uma residência e empilhavam-na até a altura desejada. Estava pronto o arranha-céu. Qual patiseurs, com coluninha, balústres, gregas e frontões, faziam verdadeiros bolos-de-noiva. Um exemplo desse conjunto de monstrinhos é a Cinelândia no Rio, onde se pode ver a anti-arquitetura” (SOUZA, 1978.p.18).

Essa propagação “eclética” se reverteu quando, destaca Souza, ocorreram as transformações provocadas pela adoção da estética moderna, iniciada no ensino de arquitetura e transposta mais tarde para o espaço urbano.

Souza aponta o ano de 1930 como o divisor de águas da história da arquitetura brasileira, afirmando que antes desta data, a arquitetura consistia em cópias dos estilos do exterior e após os anos trinta tem-se a gênese e ascensão do movimento moderno brasileiro.

O autor evoca que neste ano ocorreram duas revoluções, uma política, marcada pela revolução liderada por Getúlio Vargas (denominada Revolução de 30), que possibilitou a criação do Ministério da Educação e outra “restrita a nossa Escola Nacional de Belas-Artes, onde pelo currículo, se deveria ensinar arquitetura. Essa outra revolução ficou sendo chamada LUCIO COSTA” (SOUZA, 1978, p.26).

A revolução “LUCIO COSTA” é considerada pelo autor como uma das responsáveis pela gênese da arquitetura moderna, pois a partir da direção Lucio Costa “conseguiu transformar um museu numa escola viva, onde se começava a ensinar arquitetura. [...] A transformação do ensino de arquitetura foi total.” (SOUZA, 1978, p.26).

A mudança no ensino, estimulou que alguns arquitetos, considerados rebeldes, se libertassem das práticas tradicionais, e, por conseguinte fomentou as novas formas de se pensar e produzir a cidade brasileira. A imagem da nova cidade ia se construindo a partir da nova arquitetura ensinada na ENBA:

As coberturas, os velhos porém belos telhados, de telhas francesas ou coloniais, foram substituídos por lajes planas de concreto armado impermeabilizado, [...] que iam de transformando em jardins suspensos. Nas fachadas foram abolidos os beirais, os frontões, as guarnições, em torno das janelas e portas. Os pavimentos superiores já iam ensaiando uns modestos balanços, as plantas eram livres e a estrutura se libertava. (SOUZA, 1978, p.28).

No capítulo “Lucio Costa”, o primeiro biografado, a cidade descrita é Brasília. Trabalhada em um subtítulo a parte, evoca-se sempre seu projeto inovador, como no depoimento de Niemeyer para revista Módulo, número 8, cujo Souza não define o ano:

Seu plano é tão simples, lógico e preciso, que os trabalhos de desenvolvimento se processam praticamente sem modificações. Verifique-se a justeza da solução: a harmoniosa adaptação ao local, o zoneamento lúcido e racional de todos os setores, a simplicidade extraordinária do traçado, rigorosamente classificadas as circulações de veículos e pedestres. (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.28).

Brasília é retratada também como símbolo de um mundo moderno, como se vê no depoimento do discurso Senador Cattete Pinheiro, sem ano: “Ao pisar pela primeira vez em Brasília, Nelson Rockefeller, então governador de Nova Iorque, externou a sensação de ter colocado o pé no futuro” (CATTETE PINHEIRO apud SOUZA, 1978, p.28).

O discurso de Cattete Pinheiro evoca as falas heroicas sobre Brasília de George Mathieu em 1959:

“que feliz por ter podido assistir ao nascimento de um milagre dirigia-se aos brasileiros nestes termos:”[...] trata-se de uma das maiores epopeias da história dos homens, senão a maior. [...] Se Valery tivesse visto Brasília, talvez duvidasse da mortalidade das civilizações[...] Nunca o mundo teve tantas razões de esperança como tem hoje convosco, brasileiros”. (CATTETE PINHEIRO apud SOUZA, 1978, p.39).

Souza expõe no discurso de Cattete Pinheiro uma ponderação que o Senador afirma ter sido feita por André Malraux, em agosto de 1959, disse: “em nome de tantos monumentos que povoam nossa memória, graças vos sejam dadas, brasileiros, por haverdes depositado confiança em vossos urbanistas e arquitetos para criar a cidade, e em vosso povo para que lhe tenha amor. [...]” (CATTETE PINHEIRO apud SOUZA, 1978, p.39). O fim da fala de Malraux, segundo o senador Cattete Pinheiro, exalta ainda mais a cidade afirmando que “É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das Capitais da nova Civilização” (CATTETE PINHEIRO apud SOUZA, 1978, p.39).

Contrariamente a este espírito idealizador, Souza ensaia destacar, uma outra Brasília, com problemas urbanos, na fala de Lucio Costa no 1º Seminário de Estudos Problemas Urbanos de Brasília, ao qual não informa a data:

“[...] aqui estou, nesta cidade que inventei e se adensou, que se transformou e que agora me surpreende pelo vulto, pelo sentido que adquiriu de verdadeira Capital do País”. [...] Bem sei: o que preocupa e os congrega aqui não são divagações sobre os antecedentes de Brasília, já conhecidos, ou sobre a história de como tudo ocorreu, mas os problemas atuais e os do futuro de Brasília. [...]”(LUCIO COSTA apud SOUZA, 1978, p.40).

A fala de Lucio Costa evidencia em apenas dois parágrafos os problemas das diferenças sociais, do espraiamento da cidade com as cidades-satélites (“inversão da ordem natural do planejamento” (LUCIO COSTA apud SOUZA, 1978, p.41))

No entanto, mesmo com a proposição inicial de discutir sobre os problemas da Brasília real, o depoimento de Lucio Costa, selecionado por Souza, se estende longamente, por mais quatro páginas, tecendo agradecimentos as personalidades viabilizaram a construção da “ideia” Brasília. Lucio Costa cita os agradecimentos:

[...]Inicialmente, como todos têm no espírito, o Presidente Oliveira. O Presidente Oliveira, como era conhecido, então em Portugal. Eu o acho extremamente simpático. De modo que eu tive vontade de lembrar. O segundo o Arquiteto Soares, para homenagear o pai de Oscar Niemeyer. Finalmente, o Engenheiro Pinheiro que, desprendido do prenome bíblico, parece outra pessoa. Engenheiro Pinheiro soa assim um pouco diferente. Essas três pessoas fizeram Brasília. [...]”(LUCIO COSTA apud SOUZA, 1978, p.41 e 42).

Subitamente, não se discute mais os problemas da cidade e o assunto muda completamente de direção, evocando memórias da construção da Plataforma Rodoviária, e elogios à atuação e a pessoa de Oscar Niemeyer, aquele que

[...] transportou-se para cá, dedicou-se de corpo e ala à obra e realizou essas edificações fundamentais que caracterizam, que marcam Brasília, e marcarão para sempre a Capital – apesar do crescimento da cidade – com aquela beleza espontânea e pura [...]”(LUCIO COSTA apud SOUZA, 1978, p.41 e 42).

As divagações continuam, e os problemas não entram mais na fala de Lucio. Souza ainda insere um segundo título “BRASILIA – CIDADE CONTEMPORÂNEA DO FUTURO”, que narra brevemente sobre a simples cópia, em papel *ozalid*, do projeto de Lucio submetido de última hora no concurso para o Plano Piloto, concorrendo com “Grandes projetos, apresentados em plantas, fachadas, perspectivas e maquetes” (SOUZA, 1978, p.45). A fala de Souza transparece o desejo de reafirmar a qualidade do projeto urbano de Lucio, que mesmo com um simples desenho, feito à mão, venceu as propostas mais elaboradas, exaltando ainda mais as qualidades do arquiteto.

No capítulo “Warchavchik”, a problemática está em adequar a cidade real à nova estética:

Escreveu o arquiteto Cristiano das Neves no Diário de São Paulo criticando a Companhia City por haver permitido a construção de uma casa de Warchavchik no bairro Pacaembú: "Imagine-se o que será da Cidade Jardim se continuarem a aparecer as casas tumultuadas de cimento armado. Será inevitável a desvalorização desses terrenos que mais parecerão o prolongamento do Araçá". (SOUZA, 1978, p.50).

Os trechos escolhidos para Warchavchik mantêm o enfoque na arquitetura de suas casas, ressaltando a estética tida como inovadora e as técnicas utilizadas, bem como considerações sobre a atuação do arquiteto como professor. Mas esta breve passagem mostra a implicação da adoção do modelo arquitetônico modernista na paisagem da cidade de São Paulo: "Para que esse projeto pudesse ser aprovado pela Prefeitura de São Paulo, Warchavchik apresentou uma fachada com platibandas e cornijas, bem ao gosto dos senhores sensores da época" (SOUZA, 1978, p.52).

A questão da cidade novamente recai sobre Brasília, em Niemeyer: o gênio criador. Oscar Niemeyer é o arquiteto com a maior biografia da obra de Abelardo de Souza. Considerado como responsável pela gênese da "arquitetura moderna do Brasil", na concepção de Souza. Neste capítulo, os *Depoimentos* contam as experiências do projeto das Nações Unidas, o desenvolvimento de suas primeiras propostas, como a obra do Berço, a participação no grupo do MES, e outros projetos no exterior. A cidade apresentada neste capítulo é a capital planejada, e mais uma vez é destacada sua nobreza projetual. No trecho apresentado por Souza, o "arquiteto de Brasília", afirma:

Em junho de 1965 viajei pela terceira vez para a Europa. Ao chegar ao Museu de Arte Decorativa supreei-me ao ver na porta um cartaz que dizia: Oscar Niemeyer o arquiteto de Brasília. Entrei na exposição e fui direto ao setor de Brasília, escrevendo a tinta sob a fotografia da Praça dos Três Poderes o seguinte: "Não me importa dizerem que sou o arquiteto de Brasília se ao mesmo tempo disserem que Lucio Costa é o seu urbanista (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.62).

Niemeyer completa dizendo que Lucio é o responsável pelo projeto da cidade, o que chamou de tarefa principal: "Projetar a cidade, as ruas, as praças, os volumes e espaços livres. Minha colaboração foi mais modesta, apenas os prédios governamentais" (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.62).

Em um outro trecho selecionado da revista *L'Architecture D'Auourd'hui*, nº171 de 1974, Niemeyer explica que a arquitetura brasileira

Conduzida por Lucio Costa, ela se desenvolveu num período propício, encontrando em Gustavo Capanema e Juscelino Kubitschek, um apoio excepcional. O primeiro, a aceita-la e promovê-la quando todos a recusavam; o segundo com a obra de Brasília, dando ao Brasil, projeção internacional (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.65).

Nota-se nessa afirmação que Brasília, a cidade de Lucio, transcende a noção urbana, sendo na concepção de Niemeyer, e por consequência de Souza, um símbolo da arquitetura moderna.

Niemeyer relembra a escolha do local do Plano Piloto, os fatos ocorridos no concurso, e a admiração pela escolha do projeto de Lucio Costa, a qual recorda sua atuação no projeto:

Minha preocupação era encontrar -sem limitações funcionalistas - uma forma clara e bela que caracterizasse os edifícios principais [...] Mas me preocupava-me, fundamentalmente, que nesses prédios constituíssem qualquer coisa de novo e de diferente que fugisse à rotina em que a arquitetura atual vai melancolicamente estagnando-se, de modo a proporcionar aos futuros visitantes da Nova Capital uma sensação de surpresa e emoção que a engrandecesse e caracteriza-se. (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.69).

Sobre a arquitetura das edificações não-governamentais

[...] desejava estabelecer uma disciplina que preservasse a unidade dos conjuntos, fixando, para os mesmos, normas e princípios, com o objetivo de evitar, entre outros inconvenientes, as tendências formalistas que vêm desvirtuando a arquitetura brasileira. (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.69).

Nota-se que a situação se inverte na composição da nova estética urbana com relação ao início do século. Se antes os edifícios modernos feriam a paisagem eclética, historicista, agora são os edifícios estilizados que são combatidos. Em Brasília, a intencionada cidade modernista esse combate é ainda mais evidente:

Com a intenção, organizamos, mais tarde, um serviço especial de aprovação de plantas, onde, intransigentemente, mantivemos esse critério, recusando soluções que pudessem comprometer a arquitetura da cidade e estabelecer precedentes lamentáveis, pela repetição de formas características dos prédios governamentais ou outras que se revelassem exóticas e desproporcionadas" (NIEMEYER apud SOUZA, 1978, p.69).

Complementando a função de Brasília como cidade-arquitetura, Souza insere um texto do jornalista Tristão de Athayde, em um artigo intitulado A META ARQUITETURA (sem ano ou informação adicional de onde foi publicado), onde ressalta que transformada por Niemeyer, que introduziu a linha curva do barroco nas linhas retas da máquina de morar corbusiana, a arquitetura brasileira:

[...] divide sua própria evolução em três períodos. O primeiro, marcado pelo prédio do ex-Ministério da Educação, o segundo, e inteiramente pessoal, o da capela da Pampulha e tudo mais que ali nasceu [...]. Finalmente a epopeia de Brasília e da arquitetura monumental, coletiva e urbanística, em união com Lucio Costa. (TRISTÃO DE ATHAYDE apud SOUZA, 1978, p.75).

Souza termina sua "ode" à Niemeyer com um texto do escritor Jorge Amado a propósito do prêmio Lênin Internacional da Paz, sem ano, no qual exalta o papel dos arquitetos, como autores criadores dos espaços urbanos.

“Enquanto existem homens entregues apenas à tarefa de fabricar armas da morte e de destruição, os arquitetos constroem moradias e escritórios, fábricas e hospitais, escolas e universidades, bairros e cidades ” (JORGE AMADO apud SOUZA, 1978, p.77). O escritor completa que os arquitetos “são a antítese da destruição, a antítese da miséria, do desconforto e do atraso” (JORGE AMADO apud SOUZA, 1978, p.77), onde Niemeyer personifica a arquitetura social, entre outros comentários inclinados aos posicionamentos marxistas.

Em “Rino Levi”, a arquitetura, entendida como obra de arte, encontra sua ambientação no espaço urbano, evocando a ideia da cidade imaterial, idealizada. Em 1925, como estudante escreveu ao Jornal Estado de São Paulo uma carta defendendo o movimento moderno e ressaltando que:

[...] toda obra de arte deve ser ambientada, isto é, deve ser vista sob uma determinada visual e deve estar em harmonia com os objetos que a contornam. [...] A estética das cidades é um novo estudo necessário ao arquiteto e este estudo está restritivamente conexo ao estudo da viação e todos os demais problemas urbanos” (LEVI apud SOUZA, 1978, p.83).

Nessa “cidade qualquer”

[...] uma rua que nasce no deve ser estudada no plano regular da cidade e deve ser planejada de modo que corresponda a todas necessidades técnicas e estéticas, sem ao mesmo tempo prejudicar as belezas que eventualmente existam nas suas vizinhanças” (LEVI apud SOUZA, 1978, p.82).

Ainda usa um exemplo ao questionar: “se é possível dar a uma rua como fundo um monumento, uma cúpula ou um jardim, porque não fazê-lo [...]?” (LEVI apud SOUZA, 1978, p.83). Sobre essa dimensão estética, Rino Levi destaca a monotonia e falta de praticidade das ruas paralelas e perpendiculares nas cidades novas. Cita que outros países, evocando casos na Alemanha, França e Itália, debatem a estética urbana, e dessa forma a ausência de um diálogo dos brasileiros a cerca deste tema:

[...] É um problema, este, que interessa muito o Brasil onde as cidades estão em pleno desenvolvimento e, portanto, merecem a máxima consideração. É preciso estudar o que se fez e o que está fazendo no exterior e resolver os casos sobre a estética da cidade com alma brasileira”. (LEVI apud SOUZA, 1978, p.83).

Passadas quase quatro décadas desde a defesa da estética urbana feita pelo ainda estudante Levi, Souza inseriu em seus *Depoimentos* um trecho, a qual diz somente “em 23 de outubro de 1961, Rino Levi escrevia:” (SOUZA, 1978,p.84)

[...]de um lado, a profissão apresenta, hoje, aspectos inteiramente novos. O aumento sempre crescente dos índices demográficos e a melhoria dos níveis de vida [...] implicam no estudo, por parte do arquiteto, de problemas sociais e econômicos para os quais ele deverá estar preparado. A missão do arquiteto se ampliou muito pois ele não cogita apenas a execução de edifícios, mas também de todo o espaço da vida coletiva (LEVI apud SOUZA, 1978, p.85).

Rino Levi afirma em seu texto que o arquiteto deve saber administrar as diversas funções (habitação, trabalho, ensino, saúde, lazer e transporte) relacionando-as de maneira equilibrada e harmônica. Destaca que o planejamento urbano tem caráter multidisciplinar, mas que cabe ao arquiteto o papel de gerenciar os processos ligados ao planejamento urbano.

O planejamento urbanístico, dado que envolve problemas de natureza variada e complexa, implica em trabalho em equipe, com a participação de especialistas, sociólogos, economistas e engenheiros, etc. Neste trabalho, o arquiteto, que não é um especialista, mas sim um profissional de conhecimentos gerais, funciona como elemento coordenador (LEVI apud SOUZA, 1978, p.85).

Nesse sentido, Rino Levi reforça a importância de um ensino de arquitetura articulado, pois é o ensino que “define a fisionomia das cidades e reflete o grau de cultura” (LEVI apud SOUZA, 1978, p.88).

Embora Souza tenha iniciado a biografia de Luiz Nunes com um artigo de J. Baltar publicado na revista ARQUITETURA em julho de 1963, que ressalta que a arquitetura moderna seria inverídica e injusta se não incluísse a atuação de Luiz Nunes no Recife, a atenção dada esse arquiteto resume-se a três páginas. Não há outras falas, nem mesmo são expostas opiniões de Nunes sobre qualquer assunto. Após as considerações iniciais sobre a formação desse arquiteto, Souza (1978) apenas faz breves comentários sobre seus projetos arquitetônicos mais marcantes, como a Caixa d’água em Olinda e a Escola Rural Alberto Torres, e sua atuação no comando da Diretoria de Arquitetura e Construções da capital pernambucana.

Já em Marcelo Roberto, o primeiro M do escritório de arquitetura MMM Roberto, Souza expõe a partir da fala de Paulo Santos a personalidade *inquieta e nervosa do exímio conversador e conferencista brilhante* que era Marcelo Roberto. Entre relatos relativos à sua personalidade, formação e morte prematura (assim como Reidy), Souza destaca a conferência “Esplendor e miséria do arquiteto Brasileiro” proferida por Marcelo Roberto nos anos 1950 (sem fornecer outros detalhes). Na referida conferência, Marcelo Roberto expõe aspectos relativos a prática profissional e sobre a arquitetura contemporânea brasileira, mas não há nenhuma evocação a qualquer dimensão urbana.

No entanto dois trechos distintos selecionados por Souza mostram Roberto refletindo sobre a cidade real, vítima do crescimento urbano desordenado e sobre idealização de uma cidade imaginada. A primeira dimensão aparece numa entrevista dada por Roberto à Jayme Maurício (também sem detalhes de onde foi publicada) ao ser questionado qual a virtude e o grande defeito da arquitetura no Brasil, Marcelo Roberto respondeu:

Com as suas limitadas, mas definidas, realizações arquiteturais, o Brasil, coitado, mostrou que já atingiu maturidade e unidades sociais. Se não pôde ainda criar em grande é porque as razões são outras. Provar a inocência do Brasil foi a virtude, a grande virtude da Arquitetura. O grande defeito consistiu em que “toda arquitetura leva a um urbanismo” e a nossa levou. Precisamente nesses vinte anos, os arquitetos, como

marginais e impotentes, assistiram à especulação imobiliária imediatista e corruptora, hipertrofiar e emaranhar o organismo urbano, estendendo e tornando caóticas as cidades. (ROBERTO apud SOUZA, 1978, p.102).

Nesta situação os arquitetos

Viram processar-se sob seus olhos a destruição inútil e irreparável, a sementeção do desconforto e do desespero. [...] Quando deveriam chefiar os grandes trabalhos, limitaram-se à realização salteada, e muitas vezes, em lotes incompatíveis, de soluções parciais" (ROBERTO apud SOUZA, 1978, p.102 e 103)

Sobre a cidade do futuro, a cidade imaterial, Marcelo Roberto afirma:

[...]Ela é tão simples, e tão variada, tem verde em toda parte, de toda parte vêem-se as belas coisas que a natureza semeou. Não há barulho, é um rumor justo, para explicar que a vida está presente. As crianças correm a vontade, não há hipótese de morrer debaixo dos automóveis, os homens vão rapidamente da casa para o trabalho, da casa para o recreio. As pontes, os túneis, as estradas, são integradas no organismo da cidade, não mais acessórios do século XIX " (ROBERTO apud SOUZA, 1978, p.109).

Em "Reidy" o ativismo do planejamento urbano é mais exaltado que nos demais arquitetos. Nesse tema enfatiza um artigo de Geraldo Galvão Ferraz, sem ano:

[...] seu relacionamento com o serviço público e por circunstâncias especiais como diz Geraldo Ferraz "que cruzaram sobre sua formação e posteriormente sobre sua carreira, é Affonso Reidy um dos arquitetos brasileiros predispostos à enquadração urbanística e, por outro lado, devotado à feição social da arquitetura e do urbanismo" (FERRAZ apud SOUZA, 1978, p.112).

Souza relembra o fato de que Reidy foi nomeado Diretor do Departamento de Urbanismo da prefeitura do Rio em 1948, e realizou diversos projetos urbanos. A voz de Geraldo Ferraz, informa que sua formação nos últimos anos do curso, o qual permitiu a participação do arquiteto nos projetos do Plano Agache, definiu "para sempre sua atenção de organizador do espaço, a constante urbanística" (FERRAZ apud SOUZA, 1978, p.112).

Evocando a cidade real, o Rio de Janeiro, Souza afirma: "Dois fatos passados na vida profissional de Reidy, bem demonstraram sua inflexibilidade de orientação em se tratando de arquitetura e urbanismo" (FERRAZ apud SOUZA, 1978, p.113).O primeiro caso diz respeito as discordâncias entre o projeto de um conjunto de apartamentos para o aterro da Glória apresentado por Reidy, o qual o prefeito declarou ser uma solução antieconômica e o arquiteto se recusou a fazer outra proposta que contrariasse seu modo de pensar. E o outro acontecimento evocado por Souza inclui uma querela despertada pelo projeto da passarela Paulo Bitencourt no Aterro, junto ao prédio do Museu de Arte Moderna, o qual o arquiteto não aceitou as sugestões do governador e demitiu-se do cargo de Chefe do Grupo.

Nessa personalidade singularíssima de técnico dedicado às necessidades urbanísticas e sociais da orutora capital do País, encontramos uma coerência básica entre o pesquisador e o projetista, ambos sempre partindo dos dados da composição social e de consideração urbanística. (SOUZA, 1978, p.114).

Por fim, em Flávio de Carvalho, a cidade é apresentada como um exercício de uma urbis ideal, que sem dar muitos detalhes Souza afirma:

Um fato por nós presenciado [...] ocorreu por ocasião do 4º Congresso Pan-Americano de Arquitetos, realizado no Rio, tendo como presidente o arquiteto Frank Lloyd Wright. O tema apresentado por Flávio foi a Cidade do Homem Nu, que causou, como era natural para época e para um júri constituído pela fina flor do reacionarismo arquitetônico, um grande choque, um verdadeiro impacto. (SOUZA, 1978, p.128).

Assim, a *Cidade do Homem Nu*, e tantos outros conceitos que envolvem o objeto *cidade*, competem com outros temas colocados por Souza. Ressalta-se, contudo, que em nenhuma narrativa histórica é possível abranger um tema em sua plenitude. Mas ao inserir a *cidade* no escopo dos depoimentos de um livro intitulado "Arquitetura no Brasil" comprova-se que a historiografia da *arquitetura* e do *urbanismo* se fundem, tanto na narrativa quanto na atuação dos arquitetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato da obra de Souza ter sido publicada ao mesmo tempo em que a arquitetura moderna era concebida nas pranchetas dos arquitetos e edificada nas cidades, origina uma escrita muito orientada em contar a história do tempo presente, a qual tem como objetivo principal legitimar o discurso profissional dos arquitetos modernistas e influenciar o ensino de arquitetura e urbanismo.

Abelardo de Souza reforça essa legitimação a medida que seu livro é destinado para ao ensino, e a orientação da prática profissional do arquiteto:

[...] Nossa tentativa de fornecer dados para uma HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL, menos do seu ensino e mais do depoimento de seus percussores, sobre o que falaram e fizeram, assenta-se na diferença entre arquitetura Moderna no Brasil – iniciada com Warchavchik em 1925 e Arquitetura moderna do Brasil – iniciada com Niemeyer em 1942 com o conjunto da Pampulha" (SOUZA, 1978, p.13).E aí está nossa arquitetura, bela, diferente, apreciada e respeitada em todo mundo, feita ainda por alguns de seus criadores, seguida por um punhado de ótimos arquitetos, alguns já maduros na profissão, e outros nela ingressando (SOUZA, 1987, p.15)

Partindo da premissa de que as “histórias da arquitetura” não são textos inocentes e que precisam ser tratadas como objetos e estudar suas reações (Tournikiotis, 2001), questiona-se em que medida, a historiografia de Souza, e dos demais autores das “histórias do movimento moderno” no Brasil influenciaram a própria arquitetura e os espaços urbanos. Com certeza, o estudo da historiografia hoje contribui para “novas perspectivas de leituras, demandando constante revisão das tramas estabelecidas” (JUNQUEIRA, 2014, p.) e se estabelece como um campo a ser explorado.

REFERÊNCIAS

- Abascal, E. H. S.; Pimenta C. “Arquitetura Mackenzie e o Jardim Ana Rosa em São Paulo”. *Arquitextos*. São Paulo: 114.03, ano 10, Novembro 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/12> (Acesso 20/01/2016).
- Camargo, M. J. de. “Novas fontes documentais no contexto da historiografia da arquitetura moderna”. III Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, ENANPARQ. Anais. Disponível em: http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-CDR-007-5_JUNQUEIRA.pdf (Acesso 20/01/2016).
- Constantino, R. A. A obra de Abelardo de Souza. São Paulo: Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2004.
- Koering, E. “L'histoire de l'architecture peut-elle se faire biographie?”. *Fabrica*, nº1, ENSAV, Versailles: 2007.
- Martins, C. A. F. “Há algo de irracional... notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira”. IN GUERRA, A. (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. Volume II. São Paulo, Romano Guerra: 2010.
- Minnaert, J-B. “Actualité de la recherche en histoire de l'architecture”. *Histoire de l'art*, nº 59, Octobre 2006.
- Pesavento, S. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol.8, n.16, 1995, p. 279-290.
- Souza, A. de. *Arquitetura no Brasil: Depoimentos*. São Paulo: Diadorim/EDUSP, 1978.
- Tournikiotis, P. *The historiography of modern architecture*. Cambridge: MIT Press, 2001